

CINEBIOGRAFIA

RAÍZES DO BRASIL SOB AS LENTES DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Apesar da trajetória de grandes historiadores brasileiros ser pouco conhecida, transportar a vida de um desses autores para as telas do cinema não é tarefa fácil. No caso de Sérgio Buarque de Holanda trata-se de um desafio duplo: aproximar o autor de um público mais amplo e mostrar que os alicerces de uma grande trajetória intelectual incluem suas relações humanas. Embora o clássico *Raízes do Brasil* seja considerado um livro com bons índices de vendagem em sua área, autores como Sérgio Buarque são menos conhecidos do que deveriam. Em contrapartida, no mundo acadêmico, onde obras como essa são leituras obrigatórias, a formação de estudantes e pesquisadores tem passado cada vez menos a idéia de experiência de vida e de paixão pelo trabalho. Nesse contexto, o filme de Nelson Pereira dos Santos sobre a vida e a obra de Sérgio Buarque de Holanda é bastante emblemático. O circuito de debates, que antecedeu o lançamento comercial do filme, incluiu dois dias de exibição na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com a presença de Nelson Pereira dos Santos. O ciclo de seminários deve se estender para pe-



Reprodução

lo menos seis universidades públicas em todo país. Tais atividades foram propostas pela equipe de produção como a “contrapartida social” pelo patrocínio da Petrobras. O cineasta diz que o objetivo dos seminários é provocar uma conversa entre professores e alunos sobre Sérgio Buarque e sua obra: “acredito que esse debate pode interessar a várias áreas do conhecimento, como História, Letras e Filosofia”.

O filme *Raízes do Brasil* segue uma lógica idealizada desde a sua concepção. “A biografia do historiador se prolonga pela vida dos filhos, ramifica-se nos netos, daí a idéia de buscar neles como Sérgio Buarque trabalhava e pensava”, conta Santos. A força da família está nas telas, como na série de depoimentos em que a viúva Maria Amélia “rouba a cena”, mas, também, está atrás das câmeras: o neto Zeca Buarque trabalhou como auxiliar de dire-

ção, a filha Miúcha ajudou nos roteiros e a idéia original partiu de Ana de Holanda, que convidou Nelson Pereira a dirigir o filme em função da comemoração do centenário de nascimento de Sérgio Buarque, em 2002.

Separado em duas partes, com cerca de 70 minutos cada, o primeiro filme mergulha na vida pessoal de Sérgio Buarque, onde aparecem os filhos, netos e os amigos Antonio Candido e Paulo Vanzolini. Essa abordagem acaba dando leveza à narrativa, mostrando um escritor apaixonado pela leitura, em seu sentido mais amplo – de gibis da *Luluzinha* e horóscopo aos sermões de Padre Vieira e peças de teatro russo. Sérgio Buarque lia exaustivamente, seu escritório era um compartimento da casa quase proibido para os sete filhos que teve, e lá ficava grande parte do dia e da noite. Os depoimentos e as imagens proporcionam ao espectador conhecer, também, seu lado debochado e antiintelectual.

O segundo filme centra o foco na sua formação e produção intelectual, exibindo um rico desfile de imagens de época que acompanham historicamente essa trajetória. Zeca Buarque considera que essa segunda parte exige certo fôlego do espectador, pois inclui a leitura de trechos de *Raízes do Brasil* e de outros textos de diferentes momentos da vida do intelectual. “Trata-se de quase uma hora e dez minutos de texto, em que as idéias só são encadeadas no final”, explica.

O contraste com a leveza da história pessoal do primeiro filme é atenuado com a mescla de alguns

membros da família Buarque de Holanda nas narrações. O ritmo da cinebiografia ganha muito com as imagens raras de arquivo e com trilha sonora que o diretor Nelson Pereira dos Santos soube escolher para retratar os diferentes momentos da história. Em dado momento, o filme transporta-se para Alemanha do “entre-guerras”, período que o historiador morou no exterior e viveu a intensa efervescência cultural, que contribuiu para a escrita das primeiras linhas de *Raízes do Brasil*. A leitura de trechos do livro, escrito na década de 1930, inclui imagens de outros períodos da história brasileira, inclusive algumas bem recentes. “A intenção é mostrar a atualidade do texto, um convite a que o leiam”, afirma Zeca Buarque. O filme não enfatiza a discussão sobre o conceito de “homem cordial”, criado por Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*. Muitas vezes erroneamente associado à idéia de “homem benevolente”, o conceito é trabalhado em um dos capítulos e não representa a conclusão do livro, considera Zeca. “Existe uma polêmica em torno desse conceito e o próprio Sérgio costumava dizer que “já se gastou muita vela para o defunto”, conta. O filme contribui, ainda, para integrar *Raízes do Brasil* ao conjunto da obra do historiador e das suas particularidades. “É um livro ensaístico, de juventude, voltado para um tema muito amplo. É natural que se fale mais dele, mas todo seu conteúdo se desmembra e se aprofunda em outras obras”, conclui o neto.

Daniel Chiozzini



Foto: reprodução



Cenas da família Buarque de Holanda estão na 1ª parte do filme; abaixo, à direita, o cineasta com neta e filha do historiador

